

NEVER  
SKIP  
THE  
INTRO,  
STAY  
THERE!

De outro modo: a anulação e/ou a obliteração de toda e qualquer interrogação estéril acerca da Arte — a mais importante é a “originalidade” (fui eu que copieei primeiro!), seguida pela *runner-up* “virtuosismo” (até eu fazia pior!). Ou seja, sobre a destruição dialética de todos os **binômios milenares**: forma vs conteúdo, processo vs resultado, bom vs mau, novo vs velho, *and so on*<sup>1</sup>. Proponho, ao invés, uma tripartição romantizada do “Real”: utópica, ainda que possível; insistentemente anunciada, jamais concretizável. Ou seja, o meu trabalho é uma sempiterna *bande-annonce*<sup>2</sup>. É sobre estar constantemente *em-progresso*, ou seja, é sobre essa desculpa esfarrapada para nunca se acabar o que se começou, por isso interessa muito pouco (aka nada) onde/quando começou e onde/quando irá acabar. Por isso este texto — que é uma lista, ou seja, que é um texto —, está

“Some sites are permanently under construction; get over it!”, in [www.rogerionnocosta.wordpress.com](http://www.rogerionnocosta.wordpress.com)

FUI, esboços 2005-2006

UNIVERSIDADE | YLIOPISTO  
meta-academia  
2015-2020

[www.universityliopisto.wordpress.com](http://www.universityliopisto.wordpress.com)

MEME'SIS

Gosto muito de Estudos DeGeneres.

Projetos construídos a partir de um posicionamento conceptualmente “anti-dualístico” e formalmente “trilógico” segundo/seguindo uma lógica Hegeliana: tese/antítese/síntese. *A Leitura Encenada É Um Género Que Não Faz O Meu Género + Saudades Do Tempo Em Que Se Dizia Texto + ACTOR* (2002-2004); *Vou A Tua Casa [Lado A + Lado B + Lado C, 2003-2006]*; *A Oportunidade do Espetador [The Curator's Office + The Curator's House + The Curator's School, 2007-2008]*; e *Universidade | Ano Zero [Residência (Artística) + Realpolitik + Terceira Via™, 2012-2013]*.

**permanentemente em construção**, e vai sendo constantemente modificado, corrigido, aumentado, reduzido, rasurado, re-configurado, re-contextualizado, não necessariamente a cada projeto, nem sequer a cada movimento mais ou menos paradigmático, mas ao sabor das alterações de humor, mudanças de opinião e demais desonestidades intelectuais do artista. O meu trabalho é sobre fazer listas. Mais: o meu trabalho é sobre ter ideias, sem nunca se importar com a sua ~~execução~~ **materialização**. Não é bem sobre estar sempre em processo; é mais sobre estar sempre em resultado. O projeto é sempre “melhor” que a possibilidade da sua execução. Ou seja, **não existe filme, apenas o making of** (desse mesmo filme), ou então o *making of* do *making of* do filme que, a existir, se espelha sempre em *doppelgänger* e em *mise-en-abîme* num universo paralelo. Uma **Multiversidade™**. Não existe, mas podemos falar sobre ele. Logo, existe. Por isso: o meu trabalho é sobre a adição abusiva (e infinita) de prefixos à palavra “realismo” — Novo-Realismo, Proto-Realismo, Sub-Realismo, Hiper-Realismo, Avant-Realismo, Meta-Realismo, Über-Realismo, A-Realismo, Alter-Realismo,

Infra-Realismo, Inter-Realismo, Intra-Realismo, **Re-re-re-Realismo [aka Realismo Gago]**<sup>3</sup>. **Ele não é, torna-se**. É sobre documentos, arquivos, categorizações, etiquetas, nomenclaturas, apresentações, presentificações, codificações e re-significações, dados em jogo e cartas no baralho, zonas de conforto (e magias a acontecer lá dentro), *inside jokes* e trocadilhos-para-os-amigos. É mais ontológico que antológico, o que significa que se interessa pouco pela *History*, quando sabe que o acesso mais fácil (e gratuito) é à *his'story*: a melhor *-story* a contar é aquela que conta a *história* do trabalho ele próprio. Autofagia? Sim. **E silêncio e calma e feitiçaria...** É um meta-trabalho: o método

POÇA DE TEATRO

Tu: “Então, já terminaste?”  
Eu: “Não, mas estou quase a devir-me!”

<sup>1</sup> Žižek is not here.

<sup>2</sup> Referência ao conceito de *Trailer* descrito por Nicolas Bourriaud em *Relational Aesthetics*: “Having been an event *per se* (classical painting), then the graphic recording of an event (the work of Jackson Pollock, with photographic documents describing a performance or an action), today's work of art often assumes the role of a trailer for a forthcoming event, or an event that is put off forever.”

<sup>3</sup> Hal Foster is here.

DOGMA 2005

[www.dogma05.wordpress.com](http://www.dogma05.wordpress.com)

científico transformado em **dogma artístico**. É sobre **ser fã**<sup>4</sup>; amar coisas, odiar coisas, idolatrar coisas, destruir coisas, following/unfollowing coisas, friending/unfriending coisas. Por exemplo: reality shows, terrorismo rural, páginas em branco, cadernos de notas, est(ética) IKEA, nouvelle cuisine, schlager conceptual, extreme makeovers, teen culture, happy hardcore, finnlosofia, folklore progressivo, power ballads, weirdismo escandinavo, tendências foodie'das, **cultura mashup**<sup>5</sup>, ficção científica, geografia emocional, teorias da conspiração, cosmologias escatalógicas, **cerimónias de abertura**, ~~dinner parties~~, ~~birthday parties~~, ~~Eurovision parties~~, ~~geo-political parties~~, ~~rave parties~~, ~~techno-tolices~~... — o **Stuckismo**<sup>6</sup> dos 90s corrompido pelo Idiotismo<sup>TM</sup> dos 00s.

No léxico Rogeriano, <sup>TM</sup> significa "too much".

SELECÇÃO NACIONAL 2010

post-POST

Toda a pintura é figurativa. Até a pintura abstracta é figurativa. Uma pintura abstracta refere-se sempre à figura de uma pintura abstracta. Por exemplo, eu olho para uma pintura abstracta e digo: "Olha aqui esta figura! Parece mesmo uma pintura abstracta...". E não, não estou a usar o sentido figurado, nem a tentar fazer um figurão. Estou só a falar em abstracto. A ser figurativo, portanto. Como a pintura.  
#artlela

**Anti-tribunalização da arte** (isso é arte?) + Anti-medalhização da arte (que valor tem essa arte que tu dizes ser arte?). Desenhando uma linha que separa *criação* de *revelação*, o meu trabalho cria um binómio irresoluto, logo, o meu trabalho é sobre apagar a linha que separa *criação* de *revelação*. Seguindo: o meu trabalho é sobre a criação/revelação de um (ou mais) *-ismos* a cada novo projeto. Ou a criação de um dispositivo petulantemente insuflado de teoria como manobra de charme para chamar a atenção. Ou sobre a Preguiça<sup>TM</sup> como novo avant-garde (2012), ou o Meaningless<sup>TM</sup> como novo avant-garde (2013), ou o **Lame**<sup>TM</sup> como novo avant-garde (2014), ou a Vergonha Alheia<sup>TM</sup> como novo avant-garde (2015), ou o Aborrecimento Atroz<sup>TM</sup> como novo avant-garde (2016), ou o Azeiteiro Hipster<sup>TM</sup> como novo avant-garde (2017), ou o Mais-do-Mesmo<sup>TM</sup> como novo avant-garde (2018), ou sobre a previsão, sempre com duas **seasons** de antecedência, do próximo Pantone<sup>TM</sup> do **vanguardismo extemporâneo** — *Fascion Dasein* (2019).

Ou: being there, *doing* that. O meu trabalho é sobre **eleva a Arte à categoria de Gastronomia (o contrário já foi feito)**. É ciência. Experiencial e experimental. É sobre dizer a verdade, mesmo que através de mecanismos de coerção. Sistemas de vigilância, invasão de privacidade, curadoria ditatorial, e-manifestos, pan'ópticas do utilizador, alter-egos e alterações. É sobre chegar à arte sem ser através da Arte. Ou então chegar à Arte sem ser através da arte. Não é político, nem social, é da **comunicação social**, e da política social, e da sociologia da informação, e das doutrinas sociais e políticas, do McLuhan, do Bourdieu, do Saussure, do Barthes, do Jakobson, do Wells. É "social", mas em modo sociopata. É "político", mas em modo demissionário. Não é

post-POST

Estão a ver aqueles linóleos brancos hiper-iluminados a criar a ilusão de infinito, despidos de adereços para melhor evidenciar a paleta cromática (roupas, ténis patrocinados, tons de pele) dos bailarinos, com o aspecto mais asséptico-desenxabido de toda a Europa Central, que agora se vêem em TODOS os espectáculos de *danse contemporaine*? É isso e espetar um pacote de natas magras na comida para disfarçar a ausência de sabor ou o excesso de picante.  
#artebéchamel

CHEFF RØ :  
[www.facebook.com/cheff.roo](https://www.facebook.com/cheff.roo)  
[www.chefro.tumblr.com](https://www.chefro.tumblr.com)  
[www.vimeo.com/cheffro](https://www.vimeo.com/cheffro)  
[www.instagram.com/\\_chefro](https://www.instagram.com/_chefro)

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, 1996-2000.

<sup>4</sup> Thomas Hirschhorn's *Monuments* are here.

<sup>5</sup> Girl Talk (aka Gregg Gillis) is here.

<sup>6</sup> Bill Childish & Charles Thomson against Tracey Emin, 1999.

poético, portanto. É jornalístico. Responde às perguntas certas, mesmo quando por linhas tortas — O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Porquê? —, mas sem esperar respostas. Ou respondendo com novas interrogações: **Para quê?** Por isso é que o trabalho é sobre *trickery & fraud*<sup>7</sup>, apropriações e confiscações, re-interpretações e *re-enactements*, *readymades* e outras tipologias do *prêt-à-porter* artístico, roubando descaradamente ao Acconci, ao Adorno, ao Baudrillard, ao Beckett, ao Benjamin, ao Danto, ao Debord, ao Derrida, ao Duchamp, ao Foucault, ao Godard, ao Hegel, ao Hsieh, ao Huxley, ao Huyghe, ao Kosuth, ao LeWitt, ao Matta-Clark, ao Melville, ao Nauman, ao Orwell, ao Pessoa, ao Rancière, ao Schwitters, ao Sloterdijk, ao Smithson, ao von Trier, ao van Sant, ao Vila-Matas, ao Virilio, ao Wagner, ao Warhol, e ao Žižek ¶ **A ordem é alfabética e masculina; não roubo nada às artistas mulheres** ¶. ~~So, why join the navy when I can be a pirate?~~<sup>8</sup> Em unísono platónico com Hirschhorn, o meu trabalho diz: “**O melhor não é necessariamente bom**”<sup>9</sup>. Até hoje, todas as coisas “melhores” que vi não eram lá muito “boas”... O meu artista favorito, contudo, é o **Mark Dion**<sup>10</sup>, não pelas coisas que faz, nem sequer pelas coisas que diz, mas por ser um *freak* da hermenêutica corrosiva. Obsessiva e compulsivamente. Um trabalho de re-escrita das mesmas histórias de sempre, mas efabuladas por uma criança *nerd* que nunca cresceu. O meu trabalho não é sobre linguagem; é sobre a linguagem “da linguagem”. Ou seja: limpeza semântica — *conceptual* não é um estilo decorativo, *contemporâneo* não é uma corrente estética, *performativo* não é o adjetivo que qualifica o que é da performance, *teatro* não é sinónimo de história do teatro, *arte* não é sinónimo de cultura, *performer* não é sinónimo de desportista, a forma nem sempre segue o conceito (abençoada seja!) e *less*, temos pena, é mesmo só *less*. O meu trabalho tem pena. É sobre as políticas da humilhação, do esquecimento, do desprezo, do silenciamento, da censura, da ignorância, do sectarismo, da ostracização, do *blame the victim*. É sobre o Bullying™ como velho avant-garde. É sobre a sobrevivência do mais fraco. Sobre procrastinação. A solidão como ato de resistência. O isolacionismo conceptual. Só é possível “em teoria”. Ou seja, o meu trabalho é possível, em contra-corrente às confusões higiénicas/higienizantes entre Arte e Turismo, Arte e Desporto, Arte e Cultura (e Património Cultural), Arte e Estética, Arte e Design, Arte e Museologia, Arte e História de Arte, Arte e Crítica da Arte, Arte e Curadoria, e Artesanato, e Puericultura, e Espiritualidade, e Terapia, e Pedagogia, e Engenharia, e Psicologia, e Economia, e Propaganda, e Merchandising, e Empreendedorismo, e Serviço Educativo, e Programação Artística

A GUERRA DOS MUNDOS  
2015

post-POST

O problema não é haver um lado que vocês escolhem e assumem e defendem e exibem com orgulho desmesurado. O problema é esse lado ser SEMPRE, sem exceção, o lado para onde dormis melhor.

Enquanto esse vosso lado se apresentar assim, confortavelmente unilateral, então esse vosso lado é uma merda.

#ao\_lado

<sup>7</sup> *F for Fake is here.*

<sup>8</sup> Primeiro título (2011) deste texto, roubado (e ligeiramente modificado) a Steve Jobs.

<sup>9</sup> *Anschool II (Serralves, 2005) is here.*

<sup>10</sup> Vide *Thames Dig*, 1999.

post-POST

No Carnaval, mascaro-me sempre de pessoa que se mascara no Carnaval.  
#óle

MEME'SIS

A auto-plagiar-me desde 1978...

post-POST

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que com muita frequência e dedicação me fazem os seguintes ELOGIOS: elitista, pretensioso, wannabe, arrogante, blasé, com-a-puta-da-mania, intelectual(óide), fundamentalista, poseur, egocêntrico, contraditório, superficial, azeiteiro, ríspido, malcriado, maníaco-compulsivo, parcial, dá-uma-no-cravo-outra-na-ferradura, troca-tintas, bipolar, maniqueísta, maquiavélico, interessado, social climber, vai-nas-modas, conceptual(óide), plagiador, pseudo, não-é-de-confiar, cabrão, exibicionista, muita-parra-pouca-uva, já-a-formiga-tem-catarro, traidor, desonesto e artista. Um agradecimento ainda mais especial aos que atrás desses elogios costumam colocar a palavra:  
#demasiado

enquanto manipulação motivacional *à la* TED-talk. Ao menosprezar as confusões supra-citadas, o meu trabalho confunde-se com elas. O meu trabalho não é “conceptual”. O meu trabalho é sobre conceptualização, ou seja, o meu trabalho é conceptual. E indisciplinado. E desformatado. E cínico. É altermoderno e pós-relacional. É sobre a ética/ótica do observador: pré-Internet, pré-verdade e pré-dramático. Não é completado pelo observador, é realizado a 100% (menos um bocadinho infinitesimal) pelo observador. ¶ Sorry, Dude’champ... ¶. É sobre encontrar pontos num mapa onde 3 ou mais países se encontram. Um Museu-Mapa, precário e imaginário. Ou imaginário, logo precário<sup>11</sup>. É sobre cozinhar. Comida, apenas. Ou seja, é sobre desprezar todas as metáforas, sobretudo as litter’árias. Sobre a criação (peri-)patética de *trademarks*, pelo menos uma por Projeto™; isto é, sobre a edificação de uma Macro-Ironia que opera criticamente sobre os conceitos de *copyright*, propriedade intelectual, pirataria, e liberdade, ou **Liberdade™**. Ou a construir prisões sem paredes. Ou a fritar pescadinhas de rabo na boca (com arroz malandrinho...). Mas também constrói títulos que são *trademarks*. Títulos™ — capa, contracapa e no meio folhas em branco. A responsabilização máxima do espetador. *Bullshit* conceptual. Ou para uma definição *histérica* (= histórica + estética) de **Tretologia™**. No meu trabalho, o título diz tudo. Mas também faz tudo. Apresenta tudo. É tudo. O meu trabalho é o título do trabalho — Trabalho™. Também é sobre memória. Melhor dizendo, é sobre o processo, simultaneamente cognitivo e co-genitivo, de *me lembrar*. Por outras palavras, a arte que (se) **nega a arte através da arte**<sup>12</sup>. Kant after Duchamp after Rogério Nuno Costa. O meu trabalho é uma maionese modernista. Só que talhada. Pós-traumático renascentista. Rococó contemporâneo. **Nasceu em 1917**, o meu trabalho. Que é como quem diz, é um nado-morto. Rogério Nulo Costa. É sempre sobre o Fim™, porque nunca deveria ter nascido. Enunciação. Apenas. Ou então aparição: Duchamp, independência da Finlândia, Nossa Senhora de Fátima. É uma cena de crime, o terreno mais fértil para o nascimento de Ideologia. Contudo, o meu trabalho é sempre uma desculpa para algo que “precisa de” ser feito/dito, o que não tem nada a ver com Arte, ou arte, ou, ... É um **PRETEXTO**, isto é, algo que acontece ANTES do *-texto*. ¶ Interrupção voluntária para quem me continua a ler, (leia-se), para quem acredita no Amor™: “Obrigadinho!” ¶ É altamente colaborativo, mas nunca numa atitude pacifista ou consoladora. É uma **batalha**, às vezes uma guerra oblíqua e duracional. *Slogans* roubados, colados em pastiche, devolvidos depois com um indolente *from scratch*. O meu trabalho é **Politicamente Corrécio™**. É sobre

“MASHUP”, 2009.

POÇA DE TEATRO

Tu: “Só eu é que sou diferente?”

Eu: “Sim, só você, indie-gesta, rock alternativa, noise japonesa, ketchup na banana, rainha da genda-benda, comendadora Biocoop, Harmony Korina, empregada do mês d'A Outra Face da Lua, pós-doc anti-normativa, Guattari-Deleuziana, miss saca do pão molhada, semente de chia. Só você.

“1917” estreia em 2019, em Portugal e arredores.

“Espectáculo de Teatro”, pretexto para *fazer* um texto (*A Voz Humana*, Jean Cocteau), 2008.

MEME'SIS

A sensibilização de novos públicos faz-se à chapada.

<sup>11</sup> Hirschhorn is here. Again.

<sup>12</sup> De Duve yawned here.



medo, arrogância, oportunismo e corrupção. É sobre chamar os Beuys pelos nomes: somos todos artistas o c\*\*\*\*\*! (lê-se: *caralho*). É sobre tudo o que não pode ser dito. *I prefer not to...*<sup>13</sup> E é sobre ser feliz. A sério! Ou seja, nem é real, nem político; é *Realpolitik*. O meu trabalho é (sobre)viver. Tem encontros, segredos, cartas de amor, *home cooking*, acontecimentos inesperados, *storytelling*, rock alternativo, textos lindos sobre as coisas que penso quando lavo os dentes, a beleza do efêmero, do precário e da fragilidade ... Enfim, tudo muito teatro municipal. Só que ao contrário. A superioridade da ética. A terceira coisa. A estética da Estética. Às vezes convoca a intimidade, a abstração, a visceralidade, o que está para lá de, o aqui-e-agora, o quotidiano e a nudez (*circa* 1999-2012), mas sempre através de um exercício meramente cosmético e exibicionista. O meu trabalho é, portanto, sobre egocentrismo, mas também sobre egoperiferalismo. É sobre todas as pessoas com quem já dormi<sup>14</sup>. Por tal motivo, ele é *auto*, é *bio* e é *gráfico*, mas nunca *autobiográfico*. É sobre a universalização do particular e sobre a particularização do universal. *Back and forth*. É sobre a importância não do contexto, mas da *contextualidade*. Ponto de fuga, disfunção retiniana, alteração subliminar de foco. O meu trabalho é Espe(cta)cular™, uma *stand-up tragedy*: Primeiro nega. Depois aceita. No fim agradece<sup>15</sup> = Terceira Via, portanto. Ou sobre (a arte de) fazer uma vénia ao Ocidente, sem com isso virar o rabo ao Oriente<sup>16</sup>. Dar uma no cravo e outra na ferradura. Mas ao mesmo tempo. Nem sim nem sopas. Invisibilidade auto-infligida. É por isso que o meu trabalho não tem “especificidade”, ainda que seja altamente “específico”, e “especificação” é um dos seus temas prediletos. É a-genérico, porque não faz o (vosso) género. Faz espécie. Porque não sendo “especializado”, refere-se às políticas da especialização<sup>17</sup>, ao aZeitgeist™<sup>18</sup> das *trendências* euro-tópicas: Anti-Cultura Pop, ® du Temps, Viralidade, Inter(in)disciplinaridade, LoFi -Sophy, Fim da História, Parques Humanos<sup>19</sup>, Finlandização<sup>20</sup>, Pedagogias Radicais, Petabyte Age, Criatividade Não-Humana, Novo Medievalismo, Proto-

SLEEPOVER  
2014

post-POST

There's only two types of people in the world. The ones that entertain and the ones that observe. And the ones that don't.  
#brit\_crit

#### POÇA DE TEATRO

Tu: “Ah, isso é tipo *art povera*!”  
Eu: “Não, isto é tipo *arte pólvora*. Explode-te na cara de cada vez que a tentas categorizar.”

LET THE “BITE”  
CONTROL YOUR BODY  
2012

#### MEME'SIS

Teatro do Despido™

#### MEME'SIS

“Dantesco” é um termo cunhado pelo poeta Arthur C. Danto e refere-se à qualidade (sinónimo de “quantidade”) de todas aquelas coisas, por norma aterradoras, que vêm de “dantes”. Ou de Danto.

Universitas Magistrorum et  
Scholarium:

UNIVERSIDADE |  
YLIOPISTO - The Academy  
as Performance, 2017-18  
RECURSO, 2018.  
UNFINISHED | Summer  
School, 2018-19.

<sup>13</sup> Enrique Vila-Matas is here. Melville is not.

<sup>14</sup> Tracey Emin is here.

<sup>15</sup> “Life Code: The new rules for winning in the real world”, Dr. Phil, 2012.

<sup>16</sup> Kari Suomalainen is here.

<sup>17</sup> “O especialista é aquele que sabe cada vez mais sobre um domínio cada vez mais restrito, de modo que a sua realização perfeita é saber tudo sobre nada”. G. K. Chesterton citado por Georges Gusdorf em “O gato que anda sozinho”, in *Interdisciplinaridade. Antologia*, org. Olga Pombo, Henrique Manuel Guimarães & Teresa Levy, Campo das Letras, 2006.

<sup>18</sup> O aZeitgeist (aka Azeitegeist) é do José Nunes. O ™ é meu.

<sup>19</sup> Sloterdijk is here.

<sup>20</sup> Suomettuminen™. Um País transformado em conceito, ou em operação: um *loophole* techno-emocional por onde (nos) podemos escapar ao Fim™, cantando “Go West” de trás para a frente (“Go East”), em direção a uma *Finnis Terra* onde o “Fim” ascende à categoria de Nação: Fim-Lândia. Um três palavras: ASILO EST(ÉTICO).

**Academia**<sup>21</sup>, Séculos Vinte-e-Um. O meu trabalho é sobre palavras. Logo, é *mind-specific*. Tem a mania. (Que) É *nouveau*. Sobre o pretensiosismo do *loser*. Para uma arte *underdog*. Também é portátil. Bué *shareable*. Bué *spreadable*. Bué *lavanda*. Xennial em crise de meia-idade. Playbacked, lip sync'ed, autotuned. É **Anti-Cenita**<sup>TM</sup>. É sobre a Pop/Art a comer-se a ela própria (2 Many Djs *foreva*). O trabalho come-se a si próprio porque não é material. É uma *cloud*. É a *extended version*, nunca a *radio edit*, de um *one hit wonder* que resiste há 40 anos no número #101 de um qualquer TOP 100. A fazer o mesmo espetáculo **desde 1978...** Em suma: sobre fazer da “prática artística” (lol) um *research field* (mega-lol), mas sempre **enquanto dilettante**<sup>22</sup>, amando e odiando ao mesmo tempo, **confrontando a cultura dominante**, desafiando a percepção e a convenção, desmistificando a autoridade. O meu trabalho não produz *trabalho*; olha para ele. *Doppelgänger*<sup>TM</sup>. Sobre o mau gosto, a inconsequência, o terror, o nacional-parolismo, a banalidade, a poo'esia, o suégue, o guna gay, a vida portuguesa, o novo-pobre, a selfilosofia. **Uma *pièce de résistance* numa pista de *dance***: bate a mais de 150 BPM porque é techno, mas não é lógico. É auto-referencial, é não-hierárquico, é über-moderno, é *structureless*<sup>23</sup>, é *heterotópico*<sup>24</sup>, é *rizomático*<sup>25</sup>, é taxonómico, é low-brow, é horizontal e é infinito. O meu trabalho é matematicamente intemporal. É sempre sobre o meu Nome, e as infinitas possibilidades de alguém como *eu* dizer: **“O meu trabalho é sobre o meu trabalho”**. Resumo da matéria *Dada*: **o que é que ainda falta dizer, quando já tudo foi dito?**

post-POST

Sempre que alguém me diz que só aceitou jogar o jogo proposto pelo sistema opressor para o poder controlar, mais cedo ou mais tarde esse alguém vai criar o seu próprio sistema opressor. Basta aparecerem novos "jogadores".  
[#gaytekeeping](#)

MEME'SIS

O meu género musical favorito é o Heavy Meta.

MEME'SIS

De todos os anacronismos presentes na rotulagem musical contemporânea, "indie pop" é o que me dá mais vontade de rir.

post-POST

Tenho 40 anos e ainda não fiz o meu *coming out* de velho.  
[#e\\_dade](#)

EURODANCE, 2014-18.  
€TRASH, 2019.

“Aesth(Ethics). Notas para a compreensão do meu trabalho à luz do programa Cuidados Intensivos”, in *Cuidados Intensivos*, org. Joclécio Azevedo, Circular Festival, 2013/14.

Rogério Nuno Costa  
Setembro 2018

<sup>21</sup> Charles Esche is here.

<sup>22</sup> Mark Dion is here. Again.

<sup>23</sup> Jo Freeman is here. Mais ou menos.

<sup>24</sup> Foucault is here. Mais ou menos.

<sup>25</sup> Deleuze & Guattari are here. Mais ou menos.

## ~~Never skip the intro, stay there!~~

*Texto iniciado em 2011 e publicado, em progresso, no site [www.rogerionunocosta.wordpress.com](http://www.rogerionunocosta.wordpress.com). Apresenta-se enquanto exercício radical de “escrita performativa” com o objetivo de apresentar uma espécie de artist statement, só que disfuncional e inoperativo. Pela duracionalidade, pela extensão/exaustão, pela incongruência e contradição. É um objeto em permanente curto-circuito lógico: apropriando “Bartleby & Cia.” (Vila-Matas), não há texto, só notas de rodapé. Tem sido utilizado em contextos acadêmicos e de investigação desde 2015, não enquanto objeto ensaístico (no limite, é “sobre” nada, “diz” nada...), mas enquanto prática. Foi, nesse sentido, partilhado com os participantes do Recurso, como exemplo de uma escrita ENQUANTO performance (por contraponto a uma escrita PARA performance). A versão que aqui se publica, radicalmente alterada para o efeito, é a folha de sala de um espetáculo que nunca vai acontecer.*